

VIAGEM DE NÚPCIAS

Quando eu e Olga nos casamos, nossos rendimentos eram somente os de professores da rede pública, portanto não muito avantajados. Mas não éramos menos felizes, o que comprova que felicidade não depende somente de recursos financeiros. Lembro-me, a propósito, de quando cursei a Faculdade de Direito, na cidade de Campinas, com frequência mínima porque tinha que dar aulas em minha cidade, a fim de ter direito a fazer os exames em Segunda Época. Era o que se chamava de “curso vago”, mas nem por isso deixei de tirar notas altas em todas as matérias. O professor de Direito Penal, que na época era um eminente e saudoso Promotor de Justiça do Ministério Público de São Paulo, chegou certa vez a dizer-me, o que muito me orgulha, que eu tinha sido um de seus melhores alunos. Hoje posso avaliar como foi difícil aquele começo de vida e como uma rigorosa disciplina valeu-me para estudar diariamente, pela manhã e à noite, eis que de tarde dedicava-me ao magistério, as matérias do Curso de Direito, quase somente através dos livros recomendados, que eram muito caros, razão pela qual era preciso que eu fizesse economia para poder comprá-los.

Ainda guardo, com muito zelo e carinho, o álbum de fotografias em preto e branco de meu casamento com Olga. Revejo-o com frequência e fico contando os que já se mudaram para o plano espiritual, o juiz do casamento civil e o padre do religioso, meus pais, minha sogra e tantas outras pessoas que também aparecem nas fotografias, um tanto amarelecidas pelo passar do tempo.

Nessas ocasiões recordo-me de que, como nossa lua-de-mel seria no Rio de Janeiro, a “Cidade Maravilhosa” da conhecida canção que todos ansiavam por visitar, eu e Olga

discutimos se iríamos de ônibus ou de avião. Depois de pensar um pouco, disse-lhe, convicto e seguro: “É melhor irmos de ônibus mesmo, porque se de repente essa pesada geringonça metálica inventa de cair, nossa ansiada lua-de-mel vai pra cucuia”...

Com as fotos que tiramos na “Cidade Maravilhosa”, todas em preto e branco e que eu mesmo revelei e ampliei, fiz um álbum que guardo até hoje. Algumas delas colori com tinta própria, da forma como aprendi com amigo meu fotógrafo profissional. Ficaram lindas!

Que contraste com os dias atuais, quando se comparam as desajeitadas câmeras que então eram penduradas no pescoço, com os modernos celulares que dispõem de inúmeros recursos fotográficos e que se podem levar comodamente no bolso. E mais ainda, com pequeno acessório e alguma habilidade, as fotos também podem ser exibidas na tela da televisão.

Quase me esquecia de contar que, na viagem de São Paulo para o Rio de Janeiro, o ônibus da Viação Cometa parou no restaurante Clube dos Quinhentos que fica, se não estou enganado, no Município de Guaratinguetá. Pois foi exatamente esse estabelecimento que visitei, faz alguns anos, quando ainda podia dirigir com segurança um automóvel. Eu e Olga pudemos reviver, então, de mãos dadas e corações cheios de amor, as emoções que sentimos naquele feliz dia do longínquo ano de 1961.

Se recordar é mesmo viver, como diz o ditado popular, essas minhas recordações, ora verbalizadas na forma de simples crônica, servem ao menos para lembrar “que estou vivo e que não sonho”, como diz o inspirado soneto de Drummond. E isso já é o bastante.

Viganó
darly.vigano@gmail.com